

ENTREVISTA

Saída está no câmbio e na taxa de juros, diz Bresser

Alexandra Tavares e Jean Gregório

Convicto de que os grandes desafios do governo federal para equilibrar a economia brasileira e o país voltar a crescer são o ajuste da taxa de câmbio e a redução das taxas de juros, da Selic, o economista Luiz Carlos Bresser Pereira, 80 anos, aponta erros do governo PT que levaram à crise e faz projeções para o segundo mandato da presidente Dilma. O economista e ex-ministro da Fazenda (Governo Sarney) e da Reforma da Administração Federal e Reforma do Estado e da Ciência e Tecnologia (Governo FHC) esteve em João Pessoa ontem para proferir uma palestra no Encontro Regional de Estudantes do Campo de Públicas, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Momentos antes de falar com os estudantes, concedeu entrevista exclusiva ao JORNAL DA PARAÍBA.

Bem-humorado e com voz serena, o economista não poupou críticas aos economistas liberais (tucanos) e disse que a presidente Dilma recebeu o governo das mãos de Lula com taxa de câmbio muito baixa, a R\$ 2 na época. Com isso, a presidente tinha o que Bresser



KLEIDE TEIXEIRA

BRESSER PEREIRA. Ex-ministro defende redução da taxa de juros e elevação do câmbio para o país voltar a crescer

chamou de "missão impossível": elevar o câmbio em 50%. Como não conseguiu, a economia não cresceu porque os empresários pararam de investir e de confiar nos fundamentos da economia.

Apesar de estar longe dos holofotes de Brasília, Bresser continua um estudioso da conjuntura política e econômica do país. É professor emérito da Fundação Getúlio Vargas, onde

ensina economia, teoria política e teoria social, e o seu livro mais recente é "A Construção Política do Brasil", obra em que ele tenta explicar a inércia da economia nacional.

JORNAL DA PARAÍBA - Quando o Brasil voltará a crescer?

Luiz Carlos Bresser Pereira - Uma questão é saber se o ajuste fiscal que o (Joaquim) Levy está fazendo é correto ou não. Eu acho que é correto. Ou você faz o ajuste antes da crise ou faz junto com a crise. Nós estávamos crescendo pouco, continuamos crescendo pouco, mas estávamos próximos do pleno emprego e de repente entramos em crise, isso que é triste. Então tinha que fazer um ajuste pró-cíclico. Mas não tinha outra alternativa porque a causa principal da crise foi o desajuste fiscal. Porque isso causou um efeito muito negativo junto às empresas e aos credores internacionais.

JP - O governo perdeu muita receita em pouco tempo?

ENTREVISTADO - Como já estava havendo uma crise, o governo estava perdendo receita, estava aumentando despesa, isso que deu o déficit primário de quase 1%. O país perdeu a confiança de vez quando mostrou esse déficit primário.

JP - A crise é mais de confiança ou de macroeconomia?

ENTREVISTADO - Crise de confiança foi gerada pela crise dos fundamentos da macroeconomia. No começo foi de confiança, que ficou aguda. Esse ajuste que o Levy está fazendo e a Dilma está apoiando, ele resolve o desajuste fiscal e recupera a confiança. Mas não

significa que com isso vamos voltar a crescer fortemente. Para voltar a crescer tem que se resolver os dois principais problemas: pôr a taxa de juros no lugar decente e tem que pôr o câmbio competitivo. E para isso, parece que o Brasil não está disposto.

JP - Por que o Brasil não está disposto?

ENTREVISTADO - Por dois motivos. Um deles é que há muitos anos perdemos a ideia de nação. Nós seguimos as recomendações que nos dizem os americanos, os ingleses, os franceses, os alemães, ao invés de pensarmos com a nossa cabeça. E para eles terem um câmbio apreciado é ótimo. Ou nós resolvemos nossos interesses, ou está difícil. A segunda coisa é que temos uma alta preferência pelo consumo imediato. Se o câmbio for para o lugar certo, isso vai trazer um pouco de inflação temporária e vai trazer redução de todos os rendimentos em termos reais e o consumo vai diminuir. E isso os políticos não querem saber, as pessoas não querem saber, os economistas não querem saber, o que é mais triste. Ou porque são populistas ou americanófilos.

JP - Qual seria a taxa do dólar favorável para o Brasil?

ENTREVISTADO - Seria R\$ 3,50 e manter aí. Isso é difícil fazer agora. Mas o novo governo que começar poderá fazer, se a coisa estiver mais ou menos encaminhada por Dilma.

JP - E a taxa de juro, qual o patamar ideal?

ENTREVISTADO - Não há nenhum motivo para a taxa de juro real no país ser maior do que 2% e 3%. A meu juízo, os muitos rentistas brasileiros têm uma senhoria sobre o PIB brasileiro de 6%. Isso há anos e começou em 1964 quando os militares criaram

a caderneta de poupança e disseram que os correntistas tinham um juro real de 6% ao ano. Isso é um absurdo.

JP - Que taxa de crescimento deve encerrar o 2º mandato de Dilma?

ENTREVISTADO - A previsão do mercado financeiro é de 2%, baixo. Mas se ela deixasse em 2% de crescimento bruto e 1% líquido per capita, mais o câmbio e o juro no lugar certo, ela deixaria uma maravilhosa herança para o seu sucessor. Há momento que não se pode avaliar um governo só pela taxa de crescimento.

JP - E o governo está caminhando corretamente para se alcançar essa meta?

ENTREVISTADO - O governo não está fazendo nada com relação a isso. O governo Dilma nos últimos dois anos, quando começou a perder credibilidade lá fora, a taxa de câmbio começou a depreciar. Então o governo interviu comprando dólar. Levy acha que não renovando esse swaps o dólar vai aumentar. Num curto prazo pode aumentar porque a confiança não está resolvida, mas ao retornar a confiança a moeda vai ficar uns R\$ 0,60 abaixo do nível necessário, de forma que a indústria vai continuar crescendo muito pouco.

JP - A mídia divulga que a postura da presidente Dilma é de uma pessoa centralizadora. O senhor acha que ela errou na condução da política fiscal por não saber ouvir?

ENTREVISTADO - Talvez. O que é interessante é observar o que ocorreu recentemente. Ela se tornou humilde, delegou uma coisa importante para o Levy e outra para o (Michel) Temer. Ela está mostrando que sabe aprender.

JP - O Nordeste cresceu bastante nos últimos anos com Lula e Dilma. Mas há grande déficit na região

quanto à educação, saúde e infraestrutura. Quais seriam os caminhos para o Nordeste?

ENTREVISTADO - Não tenho muitos caminhos a oferecer para o Nordeste. Sobre a educação eu não estou pessimista. Acho que a constituição de 1988 trouxe a democracia e também prioridade para educação e saúde. Para saúde a prioridade é o SUS. Mesmo com todos os problemas que ele tem, foi um avanço para a sociedade brasileira. E também houve uma revisão da educação, se passou a se gastar muito mais na área social.

JP - O Brasil precisa de investimentos externos para alcançar o desenvolvimento?

ENTREVISTADO - Acho que não, pelo contrário. Vendo desenvolvendo desde 2001 uma teoria de macroeconomia desenvolvimentista que chamo de novo desenvolvimentismo. Há a teoria de que os países ricos de capital transfiram seus recursos para países pobres. Isso virou uma verdade eterna. Mas para mim isso é tão verdade quanto a terra é plana. A conclusão é que se o Brasil tivesse um pequeno superávit em conta corrente, aí a sua taxa de câmbio estaria no lugar.

JP - Quais os prejuízos do capital externo no Brasil?

ENTREVISTADO - O dinheiro estrangeiro vem para o Brasil, então compram nossas empresas, enfraquecem os nossos empresários e aumentam o nosso consumo num curto prazo. Depois reenviam lucro e nós ficamos trabalhando para ele. Isso é uma loucura. Mesmo quando eles trazem as fábricas, como isso apreciou o câmbio, faz com que os empresários nacionais invistam menos. Então há a substituição da poupança interna pela externa. Isso poucos economistas falam.

Bolso Tranquilo
Guilherme Baía



Linha direta com a coluna: bolsotranquilo@jornaldaparaiba.com.br

O QUE DECIDIR COM A SELIC ASSIM?

Os juros subiram e agora alcançam o valor de 13,75% ao ano. A mesma medida do mês de dezembro de 2008. Quando o Banco Central aumenta a taxa, tem o intuito de retirar de circulação oferta monetária. Com menos dinheiro circulando, espera-se que a atividade econômica caia e os preços, uma vez que as empresas não querem manter seus estoques, mas vende-los, venham a baixar seus preços e com isso, conter a inflação.

Tecnicamente falando, a inflação é o aumento da quantidade de moeda em circulação, mas é sentida pelo consumidor final, pelos índices de preços, que é o que realmente se espera que caia. Só que aí é onde mora a questão: desde que estava em 7,25% em março de 2013, a Selic só subiu e muito, reduzindo a capacidade de crescimento da economia (PIB's e diversos outros indicadores decrescentes) e, no entanto, os preços não cedem. É uma briga de gato e rato, com grandes vantagens para o rato, uma vez que os preços são alterados diariamente, mas a taxa Selic só a cada 6 semanas. Só sentimos os efeitos ruins da queda da atividade econômica, mas não sentimos as benesses de ver os preços pararem de subir.

O melhor devedor que alguém pode ter é o próprio governo federal. Ele é a entidade com menor risco para se emprestar dinheiro (naturalmente, exclui-se como pagador de faturas e obrigações de custeio). Quem quiser emprestar dinheiro ao governo receberá com o menor risco possível, tendente a zero, a taxa Selic.

Já quem quer fazer um investimento, seja aplicar dinheiro em algum produto do mercado financeiro, comprar e vender coisas ou montar um negócio, sabe que enfrentará riscos. E esses riscos devem compensar deixar o dinheiro emprestado ao governo sem riscos e ganhar excelentes 1,08% ao mês (taxa Selic proporcional ao mês).

Quando o negócio é pós-fixado, ou seja, acompanha algum índice e mais de 90% do mercado trabalha com a Selic como indexador, quanto mais ela sobe, mais se ganha dinheiro, razão pela qual, os endinheirados ganham cada vez mais com a inflação em alta.

O que tem incomodado profundamente o empresário é que as medidas do governo ainda estão longe de surtir os efeitos desejados, além da dificuldade natural de expandir os negócios e contrair crédito, o que tem feito sua confiança diminuir bastante. O índice de confiança do empresário industrial está em 38,60, quando com 50 pontos, o índice mostraria o empresário confiante.

Resta saber que decisões podem ou não serem tomadas no país daqui a frente. Quem lida com finanças sabe que o pior cenário para se tomar decisões é o de índices apontando em direções opostas e a variância dos resultados exige retornos cada vez maiores, que são cada vez mais difíceis.

E MONTAR UM NEGÓCIO?

Com taxas crescentes e o próprio Banco Central sinalizando que o ritmo de altas ainda deve continuar, como planejar um negócio? Assim tenho visto diversos empresários se perguntando até que ponto vale a pena começar um novo negócio.

É claro que quando muitos fecham, surge a oportunidade de outros começarem. Os preços dos ativos caem e se torna mais barato comprar um negócio ou suas partes ou ainda negociar máquinas e equipamentos de negócios que fecham.

Mas ora, se um negócio fechou, você pensa em sucedê-lo só porque sua venda compensa pelo preço? E como rentabilizar esse negócio com as condições atuais? A resposta é Gestão. A crise está lançada há tempos e há muito se vem falando sobre os próximos passos. Assim, até há a expectativa de piora dos indicadores e é até possível saber até quando e onde eles pioram, facilitando as decisões e mudanças de rumo.

Com tudo isso, o planejamento é facilitado, restando às equipes tomarem seus rumos, sabendo as próximas ondas que enfrentarão, devendo para isso se capacitarem. Então, pretendo empresário, resta se preparar, preparar a nova equipe, antever os cenários e saber como lidar com cada um deles.

O ponto nevrálgico

A subida da Selic tem um limite. Conforme reduz a atividade econômica e limita a capacidade do país de continuar a crescer, promove fechamento de empresas e desempregos.

Como justificar um governo trabalhista há 12 anos e meio no poder promover tanto desemprego? Impossível de se argumentar que a crise vem de fora. A presidente também já não anda bem aceita no meio político. Seu último sustentáculo de argumentos para manter alguma dignidade e aprovação do seu governo está sucumbindo com a escalada do desemprego e não há mudança de metodologia que favoreça os números.

Assim, a depender do relatório de inflação, que espera-se arrefecimento, e do nível de desemprego, deveremos ter altas menores da taxa Selic.

CLÍNICA FINANCEIRA FAMILIAR

CAP

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

4141-4501 | CONTATO@CAPFAMILIAR.COM.BR | @CAPFAMILIAR

231096